



SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA DO NORTE DO BRASIL

FACULDADE STBNB - BACHAREL EM TEOLOGIA

WELLINGTON JOSÉ RAMOS JÚNIOR

**GÊNESIS BÍBLICO COMO MITO CRIACIONAL DO ANTIGO ORIENTE
PROXIMO INTERPRETADO A PARTIR DO GÊNERO LITERÁRIO**

RECIFE

2024

WELLINGTON JOSÉ RAMOS JÚNIOR

**GÊNESIS BÍBLICO COMO MITO CRIACIONAL DO ANTIGO ORIENTE
PROXIMO INTERPRETADO A PARTIR DO GÊNERO LITERÁRIO**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado
ao curso de Bacharel em Teologia, da
Faculdade Seminário Teológico Batista do
Norte do Brasil — FSTBNB, em Recife,
como requisito para obtenção do título de
teólogo.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Luiz Robson

RECIFE

2024

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho primariamente a Deus, sem Ele não posso fazer nada, a Ele, e somente a Ele, toda a glória e honra. Em segundo lugar, dedico este trabalho à minha esposa, Gabriela Ramos, que desde 2014 me apoia em todo novo projeto, sem sua paciência não chegaria nem na metade da trajetória chamada Seminário Batista do Norte.

AGRADECIMENTOS

Através desta expressão de gratidão, louvo ao Soberano e Gracioso Deus pela minha jornada, marcada por Sua bondade nos últimos quatro anos. Ingressei no seminário como jovem pouco experiente e saio dele casado, amadurecido e profundamente grato ao Senhor Jesus Cristo, autor da minha vida. Quero manifestar meu reconhecimento à minha esposa Gabriela Ramos, que compreendeu meu chamado e, apesar do receio inicial, nunca hesitou em me apoiar e encorajar ao longo desse percurso. Agradeço pelos conselhos e auxílio nos momentos mais difíceis. Certamente Deus me abençoou com alguém que me entende e estimula neste mundo terreno. Meu amor é dedicado a você e nossa família.

Não posso deixar de mencionar as queridas igrejas que têm um lugar especial em meu coração, a Igreja Batista em Fundão e a Igreja Batista em Campo Grande, por investirem, apoiarem e incentivarem minha jornada no seminário. Embora seja impossível citar todos os fiéis que estiveram ao meu lado durante essa caminhada pautada na fé; encontrar apoio nessas duas congregações do Senhor é um estímulo para prosseguir na caminhada espiritual. Em especial, desejo expressar minha profunda gratidão ao meu pastor e orientador pr. Ronaldo Robson por suas orientações tanto no aspecto ministerial quanto acadêmico.

Quero enviar uma palavra sincera de agradecimento aos meus amigos Edson Mota, Leandro Rafael, Luann Kelven, Marlus Ferraz, Murilo Araújo e Thomás Severo com quem Deus providencialmente cruzou nossos caminhos. Com eles compartilhei risadas abundantes, lágrimas sinceras e algumas divergências passageiras - mas entendemos que tudo isso fez parte da nossa jornada junto.

*Sim, coisas grandiosas fez o Senhor por nós, por isso estamos
alegres. Salmo 126:3*

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo mostrar a importância de uma boa leitura e interpretação do livro de Gênesis, trazendo também para a discussão mitos criacionais do oriente próximo. Nesta pesquisa, O texto aborda o estudo do sagrado e sua influência nas culturas, comparando mitos criacionais do antigo oriente com o relato bíblico de Gênesis. Através da Teologia Comparada, destaca semelhanças e diferenças entre os textos, ressaltando a criação do universo, do firmamento, dos astros e do homem. Explora a tipologia textual na compreensão de histórias bíblicas sob um viés simbólico e destaca a riqueza mitológica presente na literatura. Conclui-se que a interação entre culturas distintas resulta em uma influência mútua significativa.

Palavras-chave: Mitos criacionais; relato bíblico; criação; Gênesis; culturas; mito.

ABSTRACTS

This paper aims to show the importance of a good reading and interpretation of the book of Genesis, also bringing to the discussion creation myths of the Near East. In this research, the text addresses the study of the sacred and its influence on cultures, comparing creation myths of the ancient East with the biblical account of Genesis. Through Comparative Theology, it highlights similarities and differences between the texts, emphasizing the creation of the universe, the firmament, the stars and man. It explores textual typology in the understanding of biblical stories from a symbolic perspective and highlights the mythological richness present in literature. It is concluded that the interaction between distinct cultures results in a significant mutual influence.

Keywords: Creation myths; biblical account; creation; Genesis; cultures; myth.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. O ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO.....	12
2. MITOS CRIACIONAIS	14
2.1 – O QUE SÃO OS MITOS?	14
2.2 – O QUE A CIÊNCIA FALA SOBRE MITOS?.....	16
2.3- ALGUNS MITOS CRIACIONAIS.....	18
2.4.- MITOS DO ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO ADAPTADOS A VISÃO ISRAELITA..	20
3. GÊNESIS BÍBLICO E GÊNERO LITERÁRIO	23
4. A MITOLOGIA COMO POSSIBILIDADE INTERPRETATIVA DE GÊNESIS 1— 11.....	24
4.1 - TIPOLOGIAS DE MITOS EM GN 1—11.....	24
4.2 - NARRATIVA DE GÊNESIS 1—11: A ESTRUTURA TOLEDOT	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

INTRODUÇÃO

O trabalho tem o objetivo de falar sobre a importância de uma boa interpretação do Gênesis Bíblico. Nos dias de hoje, os pastores precisam entender e se aperfeiçoar nesta questão para melhor atender uma interpretação bíblica e uma profundidade hermenêutica.

Pensando nisso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de apresentar os pontos e trazer reflexão sobre como o tema tem sido discutida não apenas no Brasil, mas em todo o mundo. Afinal, o trabalho mostra, ao longo da produção, que o envolvimento de líderes religiosos em casos do tipo, por exemplo, é algo que ocorre independentemente do local onde estão inseridos ou da religião propriamente dita.

Investigaremos a extensão em que as narrativas mitológicas babilônicas exerceram influência sobre a religião judaica, com o intuito de analisar possíveis similaridades entre o relato bíblico de Gênesis 1,1—2,4a e os mitos de criação, sobretudo no que se refere à origem do universo, da abóbada celestial, dos corpos celestes e da humanidade.

No capítulo que conceitua a religião como um conjunto de símbolos culturais contendo elementos semióticos, sistêmicos e culturais. Este conjunto possibilita ao ser humano transformar o mundo por meio da interpretação, tornando-o habitável. Os sinais religiosos se destacam pela combinação de três formas de expressão que se conectam de maneira particular na esfera religiosa: mito, rito e ética.

Dentre as três formas de expressão relacionadas à religiosidade, enfocamos especialmente o mito, descrito por Mircea Eliade como a base de todas as celebrações importantes e dos rituais secretos. Mesmo além das práticas estritamente religiosas, o mito serve como modelo para outras atividades humanas significativas.

Outros estudiosos, como Everardo Rocha, Severino Croatto e Luis Carlos Susin, ampliam a compreensão do mito conforme proposto por Gerd Theissen, abordando aspectos como sua definição, modo de utilização, relação com a história e vida social, bem como sua presença na Bíblia em termos de gênero literário.

No capítulo 2, investigamos se Israel incorporou mitos provenientes das tradições dos povos vizinhos. Além disso, analisamos se há narrativas míticas na

Bíblia que moldam o imaginário coletivo de uma cultura em sua interação com divindades e quais características são atribuídas a elas sob os prismas do monoteísmo e politeísmo.

Durante nossa pesquisa, no capítulo 3, apresentamos autores favoráveis à compreensão positiva do mito que corroboram com Gerd Theissen; simultaneamente expomos visões críticas sobre o papel do mito na cultura por parte de estudiosos discordantes dessa abordagem, como W. Wundt, H. Usener, E.B. Taylor, A. Lang e Henri Bergson.

Por fim, no capítulo 4 intitulado "A Mitologia como possibilidade interpretativa de Gênesis 1—11 ", examinamos se o povo judaico exilado foi influenciado pelos mitos babilônicos e se conseguiu manter sua identidade apesar desse contexto cultural adverso.

Ainda no capítulo 4, falamos sobre a estrutura toledot, que aparece no começo de listas genealógicas ou enumerações com destaque narrativo, como a linhagem de Adão, descendência dos filhos de Noé, descendência de Sem, linhagem de Ismael e linhagem de Esaú. Ao serem introduzidas dessa forma, essas unidades mostram que o toledot pode ser considerado um gênero em si mesmo e funcionam como uma conclusão; fechando dois atos (cap. 1—4 e 6—9) e dois ciclos (Abraão e Jacó).

1.O ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO

O termo “Antigo Oriente Próximo” refere-se a uma região geográfica que abrange uma parte significativa do Oriente Médio, incluindo áreas como o Levante (que compreende Israel, Palestina, Líbano, Síria e Jordânia), a Mesopotâmia (atual Iraque), o Egito, além de partes da Turquia e do Irã.



Figura 1 - mapa do Antigo Oriente Próximo (Reinke, André Daniel)

O Oriente Próximo é frequentemente considerado como o berço da civilização, pois foi o lar de algumas das primeiras e mais influentes civilizações da história, como as civilizações suméria, acadiana, assíria, babilônica, hitita e egípcia. Essas civilizações foram pioneiras em áreas como agricultura, escrita, arquitetura e religião, e deixaram um legado duradouro na história.

Devido à sua localização estratégica entre o Oriente e o Ocidente, o Oriente Próximo foi historicamente um ponto de encontro e intercâmbio entre diferentes culturas, línguas e povos. Isso contribuiu para a diversidade e riqueza da região, mas também para conflitos e disputas ao longo da história.

O Oriente Próximo é o berço de várias das principais religiões do mundo, incluindo o judaísmo, o cristianismo e o islamismo. Muitos dos eventos descritos nas escrituras sagradas dessas religiões ocorreram nesta região, tornando-a central para a compreensão da história religiosa e espiritualidade de milhões de pessoas em todo

o mundo.

No contexto dos escritos do Gênesis, o Oriente Próximo desempenha um papel fundamental. Muitos dos eventos descritos no Gênesis ocorrem nesta região, incluindo a criação do mundo, as histórias dos patriarcas (Abraão, Isaque, Jacó) e a migração do povo de Israel para o Egito durante a fome. Além disso, muitas das tradições culturais, religiosas e sociais refletidas no Gênesis têm suas raízes nas civilizações do Oriente Próximo, especialmente na Mesopotâmia e no Levante. Portanto, uma compreensão do contexto histórico-geográfico do Oriente Próximo é essencial para uma interpretação completa e precisa do livro de Gênesis.

Ciro Flamarion Cardoso, em sua obra *Antiguidade Oriental: política e religião*, de 1990, afirma que essas primeiras civilizações do “Crescente Fértil” eram, em sua maioria, teocráticas, ou seja, o poder dos governantes tinha fundamentação religiosa, os líderes eram considerados legítimos porquê de alguma forma eram identificados com os deuses. Sendo assim, essas sociedades se baseavam num regime de servidão coletiva no qual o governante era o dono da terra dada por um deus, e os indivíduos, organizados em famílias patriarcais, viviam em comunidades aldeãs, trabalhando para sobreviver e, além disso, para repartir parte de sua produção com o Estado como forma de pagamento, de tributo, enfim, o excedente de sua produção era compreendido como imposto.

Segundo os apontamentos de Cardoso (1990), o rei detinha o poder que, pela crença, havia sido dado por um deus, e usava, além do convencimento espiritual, de métodos coercitivos para que os indivíduos desenvolvessem as tarefas necessárias. Surgiram aos poucos nessas sociedades diferentes grupos como artesãos, comerciantes, trabalhadores em transporte de matérias-primas e, consequentemente soldados para proteger os comboios de transporte e para garantir a segurança das cidades. Apareceram também alguns funcionários religiosos que cuidavam do templo e dos interesses do rei, a autoridade superior.

É pertinente refletir, de forma breve, acerca dos tipos de fontes utilizadas para a escrita da história desses povos que viveram no “Crescente Fértil”. São, essencialmente, artefatos arqueológicos, inscrições em túmulos, templos e palácios.

2. MITOS CRIACIONAIS

2.1. O QUE SÃO OS MITOS?

Segundo o dicionário de Aurélio o termo mito significa: “Narrativa de significação simbólica ligada à cosmogonia e referente a deuses encarnadores das forças da natureza e/ou de aspectos da condição humana” ou ainda “Fato, passagem dos tempos fabulosos; tradição que, sob forma de alegoria, deixa entrever um fato natural, histórico ou filosófico; (sentido figurado) coisa inacreditável, sem realidade” (AURÉLIO, 2006).

Sabe-se que mitos são atemporais, e são escritos de acordo com a realidade de cada povo e cultura para assegurar a sua identidade. Isto é, os mitos são moldados para satisfazer os anseios de uma sociedade. É como se o mito só se tornasse verdade para uma população se as situações que interferem em determinada população, cultura ou tribo, fossem favoráveis à aceitação ou até mesmo à criação de um mito.

Everardo Rocha (2001) em seu livro “O que é Mito?”, nos dá uma visão esclarecedora a respeito desse assunto. Afirma ele que mito é uma narrativa, um discurso, uma fala. É uma forma de as sociedades espelharem suas contradições e exprimirem seus paradoxos, dúvidas e inquietações. Ainda, segundo este autor, o mito pode ser visto como uma possibilidade de se refletir sobre a existência e sobre o cosmos. E é sobre estes aspectos da existência e do cosmos que queremos refletir um pouco mais.

Para Gerd Theissen (2009), mitos são narrativas provenientes de um tempo determinante para o mundo, que trazem consigo ações vivenciadas por divindades que levam à estabilidade uma situação instável. Eles se desenrolam num mundo próprio com estruturas de pensamento que se distinguem de nosso mundo cotidiano.

Severino Croatto (2004), por sua vez, traz o seguinte conceito: “O mito é a definição de um acontecimento originário, no qual os deuses agem e cuja finalidade é dar sentido a uma realidade significativa”. Não é fácil definir o que é mito, pois por trás dessa palavra pode estar contida uma série de ideias. Dentre as diversas formas de empregá-la, a mesma serve para significar muitas coisas, representar várias ideias e ser usada em diversos contextos. “É também uma palavra que está em moda” (ROCHA, 2001). O mito não seria uma narrativa qualquer porque, se assim o fosse, se descaracterizaria, perderia sua especificidade, porque traz consigo um

significado próprio. Seria então uma narrativa especial, particular, capaz de ser distinguida das demais narrativas humanas

Mircea Eliade (2002) aborda que a função mestra do mito é a de fixar os modelos exemplares de todos os ritos e de todas as ações humanas. Para este autor, o mito é, na verdade, o fundamento de todas as grandes festas e dos cultos secretos. E mesmo fora dos atos estritamente religiosos, o mito serve igualmente de modelo a outras ações humanas significativas. Poderíamos dizer que os mitos pertencem ao gênero narrativo, que relatam as atitudes dos deuses e o modo deles se comportarem passa a ser referência para o comportamento de determinado povo ou cultura. Theissen (2009) assim se expressa com relação a isso:

“Mitos explicam, em forma narrativa, o que determina fundamentalmente o mundo e a vida. Na maioria das vezes, eles narram o comportamento de diversos deuses num tempo primordial, ou num tempo escatológico, muito distante do presente mundo habitado.”

Luiz Carlos Susin (2003) afirma que “o mito, na literatura, é um gênero literário narrativo, tanto em prosa como em verso, cuja intenção é levar um significado espiritual e humano daquilo que está sendo contado na narrativa”. Esse autor faz uma comparação alegando que o mito seria como o leito de um rio que conduz as águas até novas paisagens. Diz ele: “o sentido é como a água, e o mito é como o leito do rio. O mito canaliza, permite ao sentido escorrer”. O mito normalmente expressa uma esperança que o atravessa do início ao fim, mesmo em situações trágicas. Uma definição muito clara do que vem a ser mito e qual sua função como gênero literário é a seguinte:

“Mito não é uma história falsa, uma invenção ultrapassada, mas é uma narrativa montada para poder transmitir um sentido, um significado que ultrapassa e que é sugerido pelas imagens e ações do mito. A criação de mitos demanda muito tempo e, às vezes, muitas gerações” (SUSIN, 2003, p.27)

Trataremos agora de como o mito pode ser encarado e como ele foi entendido por alguns autores que percebem sua importância por trazer uma mensagem que não está dita de forma explícita, enquanto outros autores o vêem como algo negativo e sem valor.

2.2. O QUE A CIÊNCIA FALA SOBRE MITOS?

Algumas teorias tentaram explicar o significado do mito. Podemos citar: a teoria naturalista, a historicista, a animista, a estruturalista, a psicológica como também a teoria da escola do mito e do ritual. Não temos o objetivo de nos ater a todas elas, mas vamos resumidamente de algumas dessas.

A **Teoria Naturalista** tem início da compreensão de que nas sociedades primitivas, os fenômenos naturais marcavam fortemente a vida e interesses das pessoas, de modo que as forças da natureza em ação tornavam-se fonte para a construção de mitos. A astronomia tinha grande papel é comum nessas sociedades vermos o sol e a lua exercem assim uma influência muito grande sobre o homem.

Segundo Rocha, o conjunto de corpos celestes assumem posição de destaque na inspiração mitopoética e, por vezes, para alguns grupos, o sol tem um papel mais relevante enquanto para outros, é a lua que tem uma maior influência devido ao fato de suas fases estarem relacionadas com os grandes mistérios da morte e ressurreição:

No meio deste conjunto de corpos celestes e forças da natureza, o Sol assume uma posição de destaque como fonte de inspiração mitopoética. Pela sua própria situação central em relação à Terra, os satélites e planetas, era para ele que se voltavam os interesses principais da atividade mítica. Os mitos solares desempenhavam um papel primordial (ROCHA, 2001, p. 30).

Já a **Teoria Historicista** diz que o mito não se originava mais da contemplação diária frente à natureza e sim de tradição oral frente aos episódios históricos.

A **Teoria Animista** defende que todos os elementos da natureza poderiam ser personificados.

Por outro lado, a Escola do Mito e do Ritual assumia três hipóteses básicas para explicar o mito:

1. o mito nascia do ritual numa proporção bem maior que o inverso;
2. o mito era a dimensão falada do ritual, e este, caracterizava-se por ser muito mais constante do que a dimensão escrita;
3. na relação com o rito que residia a origem do mito.

Percebemos que na tradição ocidental, ao longo do tempo, muitos autores assumiram uma posição negativa em relação ao mito, enquanto outros assumiram uma visão positiva. Iniciaremos mencionando os pensadores que tinham uma visão negativa do que é o mito: para Wilhelm Maximilian Wundt (1832-1920), pai da

psicologia moderna, o mito é manifestado por uma visão de mundo rudimentar e, por isso, não há nenhuma realidade nos mitos.

Para Hermann Karl Usener (1834– 1905), persuadido por Wundt, objeto e imagem são diferentes na lógica humana, já nos mitos são objeto e imagem podem ser confundidos. Henri Bergson (1859–1941), filósofo francês, afirmava que os mitos são ficções absurdas. Edward Burnett Tylor (1832–1917), antropólogo britânico, com sua interpretação “animista”, afirma que a mitologia nasce com a transferência da magia à religião. A Teoria Animista criada pelo Tylor em sua obra *Cultura Primitiva* em 1871. No animismo, o mito é a primeira etapa do evolucionismo no pensamento religioso, que inevitavelmente continua progressivamente pelo politeísmo até ascender ao monoteísmo. O escritor escocês Andrew Lang (1844 – 1910), adepto da Teoria Animista, afirmava que os mitos são o que chamamos de irracionalidade e era degradante ao pensamento humano pois são frutos de fantasia inconsciente. Lang valoriza a religião, não o mito.

Mas essas visões negativas não eram unânimes, vamos falar agora de alguns pensadores que tinham uma visão positiva em relação a mitologia o primeiro é Ernest Cassier (1874–1945), filósofo alemão de origem judaica, defendia que existe um sentido especial no mito, uma forma de verdade, embora muitas vezes não provado pelo positivismo científico. Cassier ensinava que o mito é uma forma inteligente de observar o mundo, semelhantemente a linguagem, a arte, a religião e a ciência. Outro que não tinha uma visão negativa era Rafael Pettazzoni (1883–1959), antropólogo e cientista da religião, dizia que os mitos não têm sua origem na reflexão lógica, nem no objetivismo histórico, contudo isso não quer dizer que são mentiras, muito pelo contrário eles têm uma unidade transcendente, com isso ele defendia que os mitos principalmente aqueles que falavam sobre a origem das coisas e das instituições, são verdades absolutas. Para Carl Gustav Jung (1875–1961), idealizador da psicologia analítica, os mitos assim como os símbolos, as figuras mitológicas de povos e culturas independentes entre si devem ter explicação em um “inconsciente coletivo”. Através desse “inconsciente coletivo” tem uma a linguagem dos símbolos, pela qual se expressam os padrões da alma, portanto, têm seus “moldes” profundos. Mircea Eliade, cientista da religião e filósofo americano, afirma que os mitos não se contrapõem a lógica humana e que símbolos, imagens e mitos, desacreditados pelo método científico do passado, restauram a passos lentos o seu posto de honraria entre as

manifestações religiosas. Por último, mas tão importante como os citados anteriormente Paul Tillich (1886–1965), teólogo alemão-estadunidense e filósofo da religião, defende que o mito detém uma realidade, pois está orientado à realidade absoluta; é a verdade da interpretação metafísica. Assegura que as representações míticas não obscurecem a mensagem, mas são seu veículo. Tais imagens têm a capacidade de traduzir o incondicional transcendental por meio de representações e de ideias tomadas do universo dos fenômenos.

Com isso conclui-se que: há pensadores que negavam a importância do mito dizendo que este não tem lógica e que é contra à ciência, mas que há outros que indicam a importância do mito e do seu papel de transmitir a verdade numa linguagem particular que chamamos de linguagem simbólica. E que o mito pode ser encarado de duas maneiras: de forma positiva ou de forma negativa. A partir da visão positiva podemos afirmar que o mito traz consigo uma mensagem que não está dita de forma explícita, clara, transparente, mas que transmite uma verdade. Já no sentido negativo, o mito é visto por muita gente como algo sem crédito, uma mentira, que não deve ser levado em conta. Popularmente, é dessa segunda forma que o mito é encarado, como algo que é fantasioso.

Segundo Rocha (2001) o mito tem sua “verdade” que deve ser buscada num outro nível, numa outra lógica. Vemos assim que o mito foi e é objeto de estudo por muitas correntes que tentam explicar sua origem e sua importância em nossa sociedade. Nesse trabalho de conclusão de curso o mito não será considerado algo mentiroso, mas algo que traz consigo uma verdade que não está explícita, mas está contida na sua fala e no seu simbolismo.

2.3.ALGUNS MITOS CRIACIONAIS

A cosmogonia e cosmologia sempre foram abordados pelas mitologias de diversos povos e culturas para indicar como foram criados o universo, o ser humano, os animais, as plantas e tudo que há. Em sua obra Mitologia (2007) Philip Wilkinson e Neil Philip, cientistas da religião, afirmam que em geral, os mitos sobre a criação falam de um mundo primitivo de espaço vazio ou de água e gelo, que é preenchido por um criador, ou ainda de uma batalha alternada entre a ordem e o caos.

Muitos mitos criacionais asseveram o desejo de um deus, que para criar, separa a terra dos céus, molda as paisagens e cria pessoas a partir do barro e de

outras matérias primas como galhos e pedras. A partir disso, vamos elencar alguns mitos e sua concepção de como o mundo foi criado.

A água é um elemento presente em muitos mitos, tanto no mito egípcio, no qual um monte de terra emerge do oceano de Num, quanto no mito babilônico que fala sobre o nascimento de todas as coisas a partir da união de águas doces e salgadas, percebemos a presença desse elemento aquoso primordial. Na mitologia africana, da região do Vale do Nilo, no Egito Antigo, também há um oceano primitivo do qual Num (o grande oceano) se afasta para que surja uma ilha em que ele pudesse se firmar. Esta ilha torna-se modelo para as pirâmides. O deus sol e criador (Rá) pensou em seu coração como as coisas deveriam ser e depois fez surgir de Num todas as plantas, aves e outros animais da terra. Ele pronunciou seus nomes e eles passaram a existir.

Em outros mitos, a criação é concretizada a partir do corpo de algum deus ou de algum ser primordial, de onde é retirada a matéria-prima utilizada na composição do universo ou da humanidade. No mito babilônico, o mundo é feito a partir do corpo da deusa Tiamat, enquanto, na cultura clássica da Grécia Antiga, tudo tem início a partir da deusa Gaia, a mãe da terra, que assumiu a forma de uma pomba e pôs um ovo enorme, o ovo do universo ou primordial, do qual surgiu Urano (o céu), Os óreas ou oúreas (as montanhas), Pontos (o alto-mar) e as outras partes do cosmos. Do amor de Gaia e Urano surgiram os Ciclopes e depois os Titãs sendo estes os deuses do monte Olimpo.

A criação dos seres humanos se dá de diversas formas de acordo com aquilo que cada cultura retrata em seus mitos. No Egito Antigo, vale do Nilo, diz que os primeiros seres humanos surgiram das lágrimas da deusa Hathor que ficou irritada ao perceber que outro olho havia tomado seu lugar na face do deus Rá. Segundo Hesíodo e Ésquilo (2009) para os gregos, o deus Prometeu fez inicialmente duas tentativas frustradas de criar a raça humana utilizando ouro e prata. Por fim, com o barro criou a raça de bronze que se multiplicou.

Cada povo retrata a história da criação empregando elementos próprios de sua cultura, tanto com relação à origem do universo quanto da humanidade. Além desses diferentes relatos que mencionamos anteriormente, abordaremos agora como o povo judeu relatou, a partir de seu ponto de vista, a criação utilizando-se de elementos que lhes eram compreensíveis em sua época.

2.4. MITOS DO ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO ADAPTADOS A VISÃO ISRAELITICA

Podemos dizer que em povo, cultura e época têm seus mitos e, a Bíblia que é desenvolvida em uma cultura específica e surge da experiência de fé de um povo também tem, sejam eles criados pelos israelitas ou sejam assimilados no contato que com outros povos vizinhos como egípcios, assírios, babilônios etc. Reinke (2020) mostra Israel conheceu vários mitos nascidos em culturas do Antigo Oriente Próximo (Mesopotâmia, Egito, Cananeus etc.)

Na Bíblia, podemos encontrar várias narrativas míticas que tem o objetivo de consolidar o imaginário coletivo de uma sociedade em função da gênese do seu deus. Por exemplo, os mitos nos demais povos do antigo oriente têm um caráter politeísta, em Israel, por sua vez, esses mitos que surgem do contato outras culturas, recebem um caráter monoteísta.

Na narrativa bíblica, Deus assume atitudes próprias dos seres humanos e intervém se relacionando com eles. Vemos muitas vezes atributos como irar-se, ter compaixão e vingar-se imputadas a Deus nos relatos bíblicos. Diversos são os textos que trazem características míticas no Pentateuco, e tais mitos têm semelhanças e diferenças com mitos do Antigo Oriente Próximo, vejamos:

A narrativa da criação tem algumas semelhanças, em primeira vista: o mundo teve origem por uma vontade divina; nessa criação, ocorreu também uma organização a partir do caos, de uma terra sem forma e vazia. Mesopotâmicos e hebreus também possuíam em comum, o não interesse nas explicações de cunho científico e se mantinham na teologia.

Uma diferença considerável é no caráter politeísta do mesopotâmico em comparação com a noção monoteísta da Bíblia, mas isso como já foi falado é uma guerra de narrativas. Uma outra diferença, nos mitos mesopotâmicos, os próprios deuses tinham origem no caos pré-existente, de onde eles emergiram para então criarem o universo, o mundo, os humanos e toda a natureza. Já no caso bíblico, Deus criou tudo *ex nihilo*, isto é, a partir do nada (Gênesis 1). Outra diferença fundamental está na intensa luta travada por Marduk para vencer Tiamat, o caos das águas primordiais, e a partir dele criar céus e terra. Já o Deus dos hebreus não necessitou

lutar para vencer o caos: ele apenas usou sua voz tronante, permitindo a existência do caos, porém controlando e delimitando sua ação. Além disso, há uma crítica velada no texto bíblico aos deuses mesopotâmicos: Deus criou a luz antes dos astros, trazidos à existência apenas no quarto dia. Lembre-se de que os astros são relacionados aos deuses mesopotâmicos Shamash, Sin e Ishtar. A luz não procede deles, são apenas matéria criada e parte da obra do Deus único – essa é uma poderosa mensagem teológica da narrativa cosmogônica da Bíblia.

A segunda história coincidente é a do dilúvio, citado na epopeia de Gilgamesh e no Gênesis. Ambas as histórias apresentam a decisão divina pela destruição da humanidade e uma embarcação ordenada pelo deus para salvamento do dilúvio. Ou seja, concordam que tanto a destruição quanto a salvação vieram do alto. Também houve uma lista de ocupantes da arca, com família e animais, uma montanha em que a arca pousou, a soltura de aves para verificar o fim da enchente e o sacrifício de louvor e agradecimento pelo livramento. As diferenças estão nos detalhes: formato da arca (um cubo com sete andares contra um caixote comprido de três andares), tempo de chuvas (seis dias contra quarenta dias), lugar do pouso (Nimush contra Ararate), as aves enviadas (pomba, andorinha e corvo, contra corvo e a pomba três vezes) e o sacrifício (de vegetais no mesopotâmico e de animais e aves no bíblico).

Como há mitos de dilúvio em várias culturas antigas ao redor do mundo, em diferentes locais e épocas, surgiram explicações variadas para isso. Para teólogos conservadores, todos eles tratam de uma memória histórica perdida no passado primordial; alguns historiadores consideram a narrativa bíblica uma derivação da babilônica, copiada e adaptada quando os judeus estiveram no exílio; outros teólogos (assim como cientistas da religião) consideram as narrativas um arquétipo simbólico, traduzido em mito, relacionado à purificação dos homens de seu pecado e à instauração de uma nova humanidade.

A terceira coincidência está nos textos de lamentação. A literatura de sabedoria hebraica sofreu grande influência da mesopotâmica – ou do Antigo Oriente como um todo. É típica nessas culturas orientais a reflexão partindo da experiência concreta da vida, e não da especulação filosófica, como no caso grego.

Por isso, mesopotâmicos e hebreus lamentavam o fato estarrecedor de que o divino parecia não obedecer às “leis” de causa-efeito divinamente estipuladas (se

o homem for bom e obediente, será abençoado). Ambas as culturas se encontraram diante da angústia do justo que sofre sem ter feito nada de errado. O livro mesopotâmico sobre o justo sofredor tem a mesma tônica do livro bíblico de Jó. Os dois tratam do tema universal do sofrimento e da busca de explicações racionais para esse sofrimento. E nenhum deles apresenta a resposta para a angústia. Na Bíblia, entretanto, há um maior acabamento teológico, com Deus manifestado com o mistério da soberania, em quem se deposita a esperança com confiança. É nele que se coloca a fé, apesar de as coisas não acontecerem como o homem quer. Deus é Senhor.

Voltando para Gn 1-11 encontramos o espaço privilegiado do elemento mítico de Israel. Os textos contidos nesses capítulos têm a função de explicar o porquê das situações difíceis enfrentadas pelos homens e mulheres não só dos dias em que esses textos foram escritos, como também para as gerações futuras. Croatto (1996) afirma que os textos míticos da Bíblia querem ser uma resposta às perguntas fundamentais do homem que faz a experiência com o Deus dos pais e da libertação do Egito. Afirmar que Deus está na origem é dizer tudo. Nesse sentido, o Pentateuco como um todo é um grande mito fundacional.

De tudo quanto vimos neste capítulo percebemos que os mitos, segundo Croatto (2004), são anônimos e comunitários. Os mitos pertencem ao grupo e não a pessoas isoladas. Concluímos, diante do que expusemos, ao longo deste capítulo que todo mito é “delimitador” de uma cosmovisão, ou seja, da experiência que cada grupo tem do sagrado em relação à sua realidade.

Os deuses criadores são naturalmente os específicos de cada grupo e todo mito tem um ensinamento e legitima o modo de percepção do mundo. Franz (2003) nos relata que para os povos antigos, “o mundo foi feito dessa maneira e essa crença reflete sua concepção de mundo”.

3. GÊNESIS BÍBLICO E GÊNERO LITERÁRIO

Silva (2000) argumenta que a origem dos gêneros literários é essencialmente oral, uma vez que possuem uma função sociológica que atende às necessidades de um grupo específico. Segundo essa perspectiva, tais gêneros não almejam objetivos estéticos ou artísticos e tendem a ser concisos, seguindo um padrão ou

modelo básico. Um questionamento relevante seria: "Estamos diante de um texto em prosa ou poesia? Estamos diante de um relato ou discurso?" (Silva, 2000). É importante ressaltar que o Antigo Testamento se constitui de diversas formas interpretativas, conhecidas como tradições, tais como a tradição histórica, jurídica, profética, sapiencial e dos cantos.

Os autores Zabatiero e Leonel diz que é possível afirmar que a literatura possui duas características distintas: a) está associada a uma relação específica com a realidade; b) exhibe determinadas características linguísticas. Esses dois aspectos estão intimamente conectados. É evidente que a afirmação "a" está relacionada aos conceitos de mimesis e poesis. Nesse contexto, Leonel e Zabatiero (2011) resumem tais conceitos:

Mimesis e poesis significam imitação/representação e criação, respectivamente. Com eles, quer-se afirmar que uma obra literária não é uma "cópia" ou "descrição" da realidade, mas que, em uma instância preliminar, por usar a linguagem que se constitui em "signos" gráficos e sonoros, ela é uma reconstrução de mundo a partir da percepção do artista, de modo a transmitir aos seus leitores uma leitura particular da realidade.

Uma característica adicional da literatura, identificada por Zabatiero e Leonel, é a presença de características linguísticas que provocam certa estranheza, decorrente das próprias peculiaridades internas e recursos intrínsecos, o que a distingue do uso comum (Leonel e Zabatiero, 2011). É fundamental, sob esse prisma, explorarmos o clássico tema da teoria literária, a poética aristotélica, que inaugurou a tradição de abordagem crítica do texto literário e da arte como linguagem específica.

4. A MITOLOGIA COMO POSSIBILIDADE INTERPRETATIVA DE GÊNESIS 1—

11

Mitos não são simples relatos fantasiosos ou fictícios, mas narrativas transcendentais que possuem a crença na sua veracidade. Tais narrativas fornecem ordem, coerência e significado às experiências humanas, expressando emoções e ideias que podem parecer desprovidas de sentido tangível no contexto do dia a dia,

porém que revelam o que é verdadeiro, eterno e permanente. Trata-se de uma linguagem que perpetua a memória de uma comunidade coesa através da fé compartilhada. Os mitos buscam explorar questões fundamentais presentes na superfície do mundo físico como forma de compreender os aspectos essenciais dele. Logo, os mitos conferem um sentido de significado às grandes narrativas que conferem sentido à existência humana, elucidando tanto o passado quanto o presente e o futuro (Eliade, 1992).

Para Lasor (1999), o mito é uma história sobre um acontecimento significativo, e serve como guia às pessoas para o mundo e não como representações do mundo. Considerando que o mito serve como uma forma de ver o mundo, no Antigo Oriente Próximo, é importante verificar os conteúdos correlatos, bem como suas características e classificações.

4.1. TIPOLOGIAS DE MITOS EM GN 1—11

As narrativas teogônicas são relatos que descrevem a origem das divindades ou de um ser supremo. O versículo 1.1 do Livro de Gênesis afirma: "No princípio, Deus criou os céus e a terra". Neste relato, Deus é apresentado como o Ser Supremo e Criador.

Os mitos teogônicos funcionam como um instrumento para compreender a percepção das pessoas sobre cada entidade divina, assim como as funções sociais desempenhadas por esses seres. De acordo com Williams (2018, p. 231), apenas o mito bíblico encontra-se dentro de um contexto de monoteísmo, diferentemente do politeísmo. Conforme demonstrado anteriormente, as genealogias contribuem para a consolidação de uma identidade cultural (Israel), no qual o mito teogônico monoteísta (Javé) é retratado como o criador e senhor desse povo.

O mito cosmogônico refere-se ao relato da criação do universo, abordando a origem do mundo (tanto imanente quanto transcendente). Os capítulos 1 e 2 do Livro de Gênesis exploram essa temática. Segundo Eliade (1992a, p. 144), o mito cosmogônico representa o modelo exemplar para todos os tipos de atos, não apenas por conceber o Cosmo como arquétipo ideal de toda criação e situação criadora, mas também por considerar o Cosmos como obra divina, sagrada em sua estrutura intrínseca.

Sob o ponto de vista teológico, a narrativa da criação em Gênesis é considerada um modelo para todas as histórias encontradas na Bíblia, tanto no

Antigo quanto no Novo Testamento. Essa narrativa começa com a descrição da criação em um jardim (Gênesis 1-2) e culmina em uma nova criação simbolizada por uma cidade-jardim (Apocalipse 21).

De acordo com Williams (2018), muitos mitos do Antigo Oriente Próximo apresentam um enredo em que a ordem cósmica emerge da condição de "não vida para vida", onde o cosmos pré-existente é frequentemente simbolizado pela "água". Em Gênesis 1.2, lemos: "No princípio Deus criou os céus e a terra. A terra era sem forma e vazia; trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava sobre as águas". Dessa maneira, podemos perceber que, apesar das nuances intrínsecas e distintivas dos relatos do primeiro livro da Bíblia (como o monoteísmo), eles compartilham muitos aspectos similares com a cosmovisão e literatura do Antigo Oriente Próximo. As histórias da criação bíblica não surgiram isoladas culturalmente. O Enuma Elish, juntamente com outras antigas narrativas de criação do Oriente Próximo, oferece um importante contexto para nossa análise da criação na Bíblia (WILLIAMS, 2018).

De acordo com Silva (2014), o mito antropogônico aborda a origem do ser humano e destaca a relevância desses relatos por estabelecerem a posição do homem em relação ao cosmo. A questão central levantada é se o homem é parte integrante do universo ou se ocupa uma posição central. Além disso, questiona-se se sua função é servir à natureza ou se, pelo contrário, a natureza existe para atendê-lo.

Ao contrastar o mito babilônico Enuma Elish com o relato da criação presente no livro de Gênesis, Longmann III (2018) identifica:

A humanidade [no mito Enuma Elish] é criada a partir do sangue de um deus demoníaco na história babilônica e com o propósito de fazer trabalho servil, em oposição ao relato bíblico segundo o qual os seres humanos são criados a partir do pó da terra e do sopro divino (Gênesis 2:7). Em vez de se engajarem em trabalho servil, os humanos "subjugam" a terra e "dominam" as suas criaturas (Gênesis 1:28). Deus os coloca em seu jardim paradisíaco e ordena que "trabalhem e cuide [ou protejam]" (Gênesis. 2:15).

Neste contexto, a humanidade desempenha sua função de acordo com o decreto divino de desenvolver o imperativo *imago Dei* (GOHEEN, 2017). Em contraste com outros mitos babilônicos, nos quais o ser humano é considerado um escravo, o mito de Gênesis destaca a singularidade do ser humano e sua responsabilidade em cumprir o imperativo estabelecido por Deus (NICKEL E SOUZA,

2020). No conjunto de narrativas presentes em Gn 1-11, encontramos relatos que se enquadram no tipo de mito dos tempos paradisíacos. Essas narrativas descrevem um ambiente habitado após a criação e formação do cosmos. Tais condições são geralmente consideradas como ideais para a vida, levando ao constante desejo de retorno a esse período. A crença comum é que nesse tempo o Ser Supremo convivia com as pessoas em uma relação direta e amigável (SILVA, 2014). O relato encontrado em Gn 1.15-16 pertence a essa categoria de narrativa dos tempos paradisíacos:

E tomou o SENHOR Deus o homem e pôs no jardim do Éden para o lavrar e o guardar. E ordenou o SENHOR Deus ao homem, dizendo: de toda a árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore da ciência do bem e do mal, dela não comerás; porque, no dia em que dela comerdes, certamente morrerás.

O período de transformação é um momento mítico que se situa entre a era paradisíaca e a ordem cósmica vigente. Silva (2014) destaca que desgraças e o caos, como a "origem do mal, das doenças, da morte e o distanciamento do Ser Supremo", são atribuídos a esses mitos. Eventos cósmicos cataclísmicos, como dilúvios ou grandes incêndios, que separam a era paradisíaca da era atual de sofrimento, são recorrentes. O mito da queda humana (Gn 3) e as histórias que precedem o dilúvio (Gn 4-6) exemplificam o mito de transformação.

Os mitos escatológicos são narrativas sobre eventos futuros que geram em uma sociedade a expectativa de uma transformação: passar de um período caótico para um estado de ordem (SILVA, 2014). O anúncio divino a Noé sobre o dilúvio (Gn 6) pode ser considerado um tipo de mito escatológico. Ao compreender a abordagem mítica presente em Gn 1-11, percebe-se que essa literatura (anterior à tradição oral) fornecia explicações sobre a criação e o funcionamento do mundo com o intuito de elucidar a origem do povo de Israel e promover elementos nacionalistas. De acordo com Brotzman e Tully (2021):

a importância da escrita para o antigo Israel não necessariamente significa que o alfabetismo fosse generalizado [...] com frequência o texto escrito seria de base para a proclamação oral e não exige destreza na leitura e escrita.

Nestes aspectos, examinaremos de que modo essas narrativas mitológicas contribuíram para a exaltação e a consolidação da identidade do povo de Israel, o desenvolvimento da literatura do Gênesis e a organização textual com o intuito de ser proclamado, ou seja, ser lido para compreensão.

4.2. ESTRUTURA NARRATIVA DE GÊNESIS 1—11: A ESTRUTURA TOLEDOT

No livro de Gênesis, é possível identificar uma estrutura recorrente caracterizada pela expressão “este é o registro de x”. Essa estrutura é conhecida como toledot, termo hebraico que pode ser traduzido como “registro”.

O primeiro toledot ocorre em Gênesis 2.4 e, em seguida, mais dez vezes: quatro vezes no restante de Gênesis 1—11 (5.1; 6.9 [o toledot de Noé]; 10.1; 11.10) e seis vezes no restante do livro (11.27; 25.12, 19; 36.1, 9; 37.2). Em outras palavras, opinamos que a fórmula toledot demonstra de fato uma continuidade literária entre Gênesis 1—11 e Gênesis 12—50. Além do mais, diríamos que a fórmula toledot remete a um interesse consistente em uma sequência cuidadosamente selecionada de acontecimentos passados. (LONGMANN III, 2019, p. 26)

Alter e Kermode (1997) conduzem uma pesquisa minuciosa a respeito desta estrutura ou fórmula. Segundo os autores, “*toledot*”, literalmente “procriações”, tem origem na raiz yld, a qual é empregada para se referir a mães (yaldah, “ela deu à luz”), pais (holid, “ele gerou”) e crianças (nolad, “ele nasceu”). Essa explicação serve como base para diversos trechos em Gênesis. Assim sendo, percebe-se que tal fórmula oferece uma estrutura temática significativa para a compreensão da trama. Ellisen (1998) lista dez estruturas toledot:

1. A geração dos céus e da terra (2.4);
2. A geração de Adão (5.1);
3. A geração de Noé (6.9);
4. A geração dos filhos de Noé (10.1);
5. A geração de Sem (11.10);
6. A geração de Terá (11.27);
7. A geração de Ismael (25.12);
8. A geração de Isaque (25.19);
9. A geração de Esaú (36.1,9)
10. A geração de Jacó (37.2)

Alter e Kermode (1997) investigam a presença do *toledot* no início de uma lista genealógica ou enumeração, em posições de grande relevância narrativa: a linhagem de Adão (5.1); a descendência dos filhos de Noé (10.1); a descendência de Sem (11.10); a linhagem de Ismael (25.12) e a linhagem de Esaú (36.1). De acordo com Alter e Kermode (1997), as unidades introduzidas dessa forma demonstram que o *toledot* pode ser considerado um gênero por si só e operam como

uma conclusão; elas encerram dois atos (capítulos 1—4 e 6—9) e dois ciclos (Abraão e Jacó).

Porém, o conceito de *toledot* é empregado de maneira distinta e estratégica, "em uma breve cláusula que funciona como o prefácio de um novo ciclo narrativo". Esse padrão pode ser identificado nas histórias sobre Noé e o dilúvio (6.9), sobre Terá, pai de Abraão (11.27-32), sobre Isaque e o início do ciclo envolvendo Jacó (25.19) e a história de Jacó (37.2). Segundo Alter e Kermode (1997), as experiências dos protagonistas Abraão, Jacó e José são apresentadas dentro de um contexto que destaca as procriações de seus pais - Terá, Isaque e Jacó, respectivamente. Essa sequência encadeada revela um tema central que perpassa toda a obra: vida-sobrevivência-descendência-fertilidade-continuidade.

Existe um segmento no qual a utilização de *toledot* merece destaque, como em Gn 2.4a: "Esta é a história das origens dos céus e da terra, quando foram criados: No dia em que o Senhor Deus fez a terra e os céus". Neste trecho, há uma referência ao início do livro em 1.1, unificando assim Gênesis 1.1—2.4. Segundo Alter e Kermode (1997):

Este emprego excepcional atrai a atenção do leitor. Em todos os outros lugares, "a *toledot* de X" refere-se a seres humanos como pais e sujeitos de procriação, mas 2:4a levanta a questão radical de saber se o céu e a terra podem ser objeto da procriação de Deus. A palavra *toledot*, é, então uma metáfora que, abordando os limites do tabu na moral sexual rigorosa de Israel, encerra a sugestão oblíqua de que o cosmo pode ter se originado de um ato sexual de Deus.

Conforme discutido por Alter e Kermode, Frye (2021) define as características do mito de criação como sendo aquele que envolve uma criação artificial, em que o mundo é criado por um pai-celestial, em contraste com os mitos de criação sexuais, nos quais o mundo surge através de uma mãe-terra. Nas 10 seções dos *toledot*, não se destaca a presença de uma figura feminina e observa-se que ela muitas vezes é retratada como incapaz de gerar filhos, como nos casos de Sara, Raquel e Rebeca, que são estéreis e dependem de uma intervenção divina. Conforme já demonstrado anteriormente, os *toledot* são tanto um gênero estruturado em 10 seções quanto um cabeçalho no nível textual das cláusulas (ALTER E KERMODE, 1997). Isso significa que tanto o gênero quanto o cabeçalho enfatizam o tema recorrente em todo o Livro de Gênesis: o imperativo divino da fertilidade. Nesse sentido, é importante analisar os *toledot* por meio da lente literária e estilística no contexto dos capítulos 1 a 11 de Gênesis: desde o primeiro *toledot* "a geração dos

céus e da terra" até o sexto toledot, que remete aos acontecimentos dos capítulos 10 e 11 relacionados ao mandamento divino sobre a dispersão da humanidade em Gênesis 11.9. Waltke ressalta que o narrador de Gênesis emprega padrões estruturais em diferentes níveis de significado; entre os mais comuns na narrativa estão os padrões alternantes (também conhecidos como simétricos), concêntricos e quiásmaticos.

Assim, por exemplo, os elementos na História Primeva são delineados numa estrutura alternante; o ciclo de Abraão, num padrão concêntrico. Com respeito ao padrão simétrico [ou] padrões paralelos tendem a sugerir comparação das sequências paralelas e dos elementos paralelos individuais. Com frequência, comparação revela progressão, mas não necessariamente oposição ou contraste, entre os componentes paralelos.” No padrão concêntrico, a primeira série de elementos usualmente pertence à tensão ou ação oriunda do plano, e a segunda série, à sua resolução ou ação fracassada. O padrão quiasmático é semelhante ao concêntrico, mas, diferente do concêntrico, tem um elemento central único, o ponto ou “pivô” giratório. Algumas vezes, os respectivos elementos em um dos lados do pivô contrastam. (WALTKE, 2003, p. 39)

Na História Primeva, os elementos são organizados em uma estrutura alternante, enquanto o ciclo de Abraão segue um padrão concêntrico. As simetrias ou padrões paralelos sugerem comparações entre sequências e elementos paralelos. Essas comparações frequentemente revelam uma progressão, mas não necessariamente um contraste entre os componentes paralelos.

No padrão concêntrico, a primeira série de elementos geralmente representa a tensão ou ação inicial do enredo, enquanto a segunda série diz respeito à sua resolução ou falha na ação proposta.

Por outro lado, o padrão quiástico assemelha-se ao concêntrico, porém apresenta um elemento central único, conhecido como ponto pivotante. Por vezes, os elementos em cada lado desse ponto central contrastam entre si (WALTKE, 2003).

Tabela 01 - Estrutura estilística de Gênesis 1—5

Seção	Extensão	Estrutura
História Primeva	1.1—11.26	Paralela
Ciclo de Abraão	11.27—22.24	Concêntrica
Material de Ligação	23.1—25.18	Paralela com 35.23—36.43 ^a
Ciclo de Jacó	25.19—35.22	Concêntrica
Material de Ligação	35.23—36.43a	Paralela com 23.1—25.18
Ciclo de José	37.2—50.26	Concêntrica

FONTE: adaptado de Waltke (2003).

A história primeva (1.1-11.26) é estruturada paralelamente com intuito

de recorrer a um ciclo narrativo. Ou seja, é uma intenção de recontar uma estrutura mítica. Mesmo que haja histórias diferentes, a estrutura narrativa é repetida. A estrutura concêntrica é utilizada nos ciclos dos patriarcas com o objetivo de desenvolver uma tessitura início-tensão/clímax-resolução. Considerando Gn 1—11 como estrutura paralela, David A. Dorsey (1999) e Waltke (2003) propõe a composição:

Tabela 02 - Estrutura paralela de Gn 1—11

Estrutura	Texto/Narrativa
A	<u>História da criação: primeiro início; bênção divina 1.1—2.3</u>
B	Pecado de Adão: nudez; ver/cobrir nudez; maldição 2.4—3.24
C	Nenhum descendente ao jovem assassinado; Abel, filho justo 4.1-16
D	Descendentes de Caim, filho pecaminoso 4.17-26
E	Descendentes de Sete, filho escolhido: dez gerações de Adão a Noé 5.1-32
F	Ruína: união ilícita 6.1-4
G	Breve introdução a Noé 6.5-8
A'	<u>História do dilúvio: reversão da criação; novo início; bênção divina 6.9—9.19</u>
B'	Pecado de Noé: nudez; ver/cobrir nudez; maldição 9.20-29
C'	Descendentes do mais jovem; Jafê, filho justo 10.1-5
D'	Descendentes de Cam, filho pecaminoso 10.6-20
E'	Descendentes de Sem, filho escolhido: dez gerações de Noé a Tera 10.21-32
F'	Ruína: união rebelde (Torre de Babel) 11.1-9
G'	Breve introdução de Abraão, através de quem Deus abençoará a humanidade 11.27-32

FONTE: Adaptado de Dorsey (1999) e Waltke (2003).

A estrutura paralela de Gn 1—11, aponta, segundo Alter e Kermode (1997) para a “fertilidade, em variedade diversa e vívida, e a sobrevivência por meio da descendência são uma consideração urgente no material estritamente narrativo”. Observa-se que a temática vida sobrevivência-descendência-fertilidade-continuidade permeia toda a tessitura de Gênesis, conforme a estrutura acima.

Na estrutura A, percebe-se a narrativa da criação e da bênção divina; em A', percebe-se uma nova criação, em que a “a história ecoa a história original da Criação, de modo que, como efeito, ela acaba sendo uma narrativa da ‘segunda criação’. Ou seja, a narrativa do dilúvio faz eco à “terra sem forma e vazia” (FEE E STUART, 2013). a aliança de Deus com Noé, ecoa a aliança de Deus com Adão. Essa relação entre a Criação e Noé se estrutura em um quiasma.

Estrutura	Texto/Narrativa
A	A criação de Deus do mundo e dos humanos (1,1—2,3)
B	Adão e Eva, o primeiro casal, seu pecado e o pronunciamento de Deus sobre a duração de suas vidas (2,4—3,24)
C	Nascimento dos primeiros filhos de Adão; O assassinato de Abel por Caim (4.1-16)
D (CENTRO)	Descendentes pecaminosos de Caim (4.17-24)
C'	Nascimento de Seth, filho de Adão (substituindo Abel assassinado; 4.25), e genealogia de Noé (5,1-32)
B'	Casamento com filhos de Deus e "filhas dos homens"; O pronunciamento de Deus sobre o julgamento sobre a duração de suas vidas (6.1-4)
A'	A decisão de Deus de destruir o mundo e os humanos (6.5-8)

FONTE: Adaptado de Dorsey (1999).

Tabela 3 – Estrutura quiasmática em Gn 1—6.8

Para Longmann e Walton (2019), “escrever sobre acontecimentos, isto é, fazer história, é sempre um ato interpretativo; o autor nos dá sua perspectiva sobre o acontecimento através de seleção e ênfase”. É perceptível (muito mais nas línguas originais, como o hebraico) as construções narrativas, bem com a retórica modelada historicamente. Nesse sentido, as estruturas – concêntricas, paralelas e quiasmáticas – reforçam que, as histórias de Gn 1—11, foram estruturadas para que houvesse memorização do enredo. A tradição oral reforçou as histórias míticas e suas tipologias e que, posteriormente, vieram a tornar-se literatura.

Andiñach (2015), sistematiza a experiências históricas dos textos em um ciclo: “vida/experiência histórica – palavra – texto – leitura/releitura – proclamação – vida/experiência histórica”. Nota-se que a partir da vida e da experiência histórica, no contexto do Antigo Oriente Próximo, a linguagem mitológica das estórias, a narrativa oral transformou-se em texto, para ser lido e proclamada, com o objetivo de levar o povo israelita (mais tarde os judeus e cristãos, por se tratar de uma narrativa sagrada) a uma experiência histórica.

A experiência humana na história, nos acontecimentos relevantes para a vida pessoal ou de um povo, quando é profunda e provoca impacto, é narrada e, portanto, gera uma ‘palavra’ que se transmite de forma oral de geração para outra. Para se preservar essas histórias narradas oralmente, é transformada em escrito e vira texto.

Ao se referir às produções textuais de diversos povos conclui “Um povo produz muitos textos, mas alguns deles recebem uma atenção especial por sua condição de representar aquilo que constitui o povo e dá sentido à sua existência”.

Nesse sentido, os textos se tornam fundamentais para a instituição de uma identidade religiosa, política, econômica e cultura de uma comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Mesopotâmia, Canaã e Egito, o que conhecemos como Antigo Oriente Próximo, crenças em diversas divindades criadoras eram comuns. Embora os relatos presentes nos primeiros onze capítulos do Gênesis tenham sido redigidos em períodos distintos e empreguem diferentes nomes para se referir a Deus, os textos bíblicos reafirmam a fé em um único Criador dos céus e da Terra.

Analisando tais informações apresentadas neste estudo sobre Gênesis 1,1—2,4a, percebemos sua culminância no sábado - dedicado ao sétimo dia - representando sua complementação. Os exilados na Babilônia buscavam manter sua identidade como povo escolhido por Deus ao reforçarem o sábado como dia sagrado. Os babilônicos não adotavam tal concepção semanal circundada pelos ciclos lunares para celebrarem ocasionalmente suas festividades.

A raiz mais profunda do sábado reside no próprio Divino. Aqueles que cessam suas atividades aos sábados para descansar seguem os planos traçados por Deus; enquanto aqueles que cedem às pressões dos babilônicos trabalhando neste período negam seu reconhecimento a Deus e sucumbem à idolatria. O sábado deveria servir como um momento para recordar tempos passados em Jerusalém e renovar esperanças quanto ao retorno à terra prometida.

Deus não somente traz à existência por meio de Sua palavra insondável, mas também sustenta incessantemente Sua obra. Por intermédio das Suas bênçãos, Ele possibilita à criação perpetuar-se pela graça daquele que a criou.

Ao analisar o texto bíblico do ponto de vista literário, é possível explorar a beleza da expressão escrita e identificar os padrões estéticos adotados pelos autores com base em suas estruturas temáticas e estilísticas. Ressalta-se que essa abordagem crítico-reflexiva não nega a importância do aspecto hermenêutico e religioso do texto bíblico. Pelo contrário, explorar as narrativas bíblicas sob uma ótica literária possibilita uma leitura mais humanizada e artística, proporcionando uma experiência estética catártica mais profunda.

É interessante observar que muitas das histórias da Bíblia podem ser compreendidas à luz da poética aristotélica. A proximidade entre Homero e os textos bíblicos é notável, considerando que ambos são antigas obras repletas de

simbolismos mitológicos e narrativas destinadas a elaborar uma visão de mundo específica para suas respectivas eras, como é o caso de Gênesis dentro do contexto do Antigo Oriente Próximo.

Ao examinar os aspectos míticos de Gênesis, torna-se evidente uma linguagem simbólica universal, conforme defendido por Mircea Eliade. Diferentes culturas compartilham histórias cosmológicas, relatos sobre inundações catastróficas, explicações sobre a origem da humanidade, entre outros mitos fundamentais. Essa linguagem mitológica enriquece a expressão literária ao apresentar uma estrutura belamente elaborada em sua composição textual, incorporando elementos de imitação (mimese) e criação (poiesis) por meio de tramas narrativas com introdução-clímax-desfecho (por exemplo, na estrutura quiástica).

Conclui-se que ao examinar o texto bíblico em sua dimensão literária, os autores de Gênesis desenvolveram um dilema impactante envolvendo a condição humana diante do caos e do sofrimento trágico dentro de um contexto estético-literário profundo. Temas como arrependimento, angústia, felicidade, traição, bênçãos e maldições emergem recorrentemente tanto nos escritos sagrados quanto nos mitológicos. Esses temas se fazem presentes ainda na tradição literária posterior por meio de fábulas, contos e romances – gêneros característicos da modernidade.

Na narrativa do Gênesis, revela-se a presença marcante de conceitos amplos e mitológicos, tais como vida, sobrevivência, descendência, fertilidade e continuidade. Nesse contexto não linear, porém mítico, os escritores mitológicos enxergam a vida humana como transitória em sua jornada existencial. Através da expressão textual, são proporcionadas experiências que variam em matizes de natureza religiosa, catártica ou moral.

Ao analisarmos as interpretações sobre o texto do Gênesis, identificamos distorções que influenciaram e ainda impactam a sociedade: defesas do patriarcado, da obsolescência da Bíblia como livro sagrado, da subjugação da terra pelo ser humano, da equivocada crença de que os povos africanos são descendentes amaldiçoados de Canaã e até mesmo das ideias Imperialistas ideológicas e monolinguístico exemplificadas na construção de uma torre rumo aos céus. Este exemplo nos demonstra que historicamente jamais houve êxito na construção de uma sociedade baseada nesses padrões imperialistas "babilônicos". Contudo, é possível vislumbrar a possibilidade de edificar uma unidade na

diversidade por meio da confusão linguística, variedade de ideologias, narrativas e visões de mundo; rendendo-se ao imperativo divino do desenvolvimento, procriação, cultivo e celebração da vida.

O Salmo 150 é reconhecido como o mais extenso dos Salmos bíblicos, composto por 176 versículos dedicados à observância dos desígnios divinos. Nos versículos 49 e 50 destaca-se a passagem em que o salmista reflete: "Elevaste-me com a tua promessa para que ter vida". Ao interpretarmos a Bíblia - seja sob um prisma literário, religioso ou devocional - percebemos que o cerne narrativo está centrado na noção de vida. Segundo Eco (2010), "Para sobreviver é necessário contar histórias".

No poema bíblico de Gênesis 1,1—2,4a, o autor busca evidenciar a supremacia do único Deus e desfazer a crença de que astros são divindades, como era tido pelos povos próximos a Israel, notadamente os babilônicos. Tal Deus é descrito como aquele que está acima de tudo e de quem todas as coisas dependem.

A denúncia dos ídolos da Babilônia se apresenta como o cerne na composição deste poema bíblico, conforme nossa interpretação. Trata-se de uma crítica contundente às divindades dos responsáveis pela destruição de Jerusalém e pelo exílio dos principais habitantes de Judá no distante território onde lhes era impossível adorar no Templo ao Deus de seus ancestrais.

Essa denúncia expande-se para abordar toda forma de servidão, enfatizando que o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus - um ser livre que não deve se subjugar a nenhum povo supostamente mais poderoso. É um clamor que aponta as divindades babilônicas como simples criações do Senhor que concebeu o céu, a terra e tudo que neles há.

Enquanto o épico babilônio Enuma Elish declara que a criação resultou do conflito entre dois deuses, o relato bíblico sustenta ser a obra do único Deus. Klein (1990, p. 146) identifica em Gênesis 1 uma refutação à religião babilônica através da inexistência de qualquer dualismo ou politeísmo nos escritos sagrados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A criação e o dilúvio: segundo os textos do Oriente Médio Antigo. Trad. de M. Cecília de M. Duprat. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005. (Coleção Documentos do Mundo da Bíblia; v. 7). 120 p.

ALTER, Robert; KERMODE, Frank. **Guia literário da Bíblia.** São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1997.

ANDIÑACH, Pablo R. **Introdução à Hermenêutica do Antigo Testamento.** São Leopoldo: Sinodal/EST, 2015.

ARISTÓTELES. **Poética.** São Paulo: LeBooks, 2021.

BRIEND, Jacques. Prólogo. In: **A criação e o dilúvio: segundo os textos do Oriente Médio Antigo.** Trad. de M. Cecília de M. Duprat. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005, 120 p. (Coleção Documentos do Mundo da Bíblia; v. 7).

BRIGHT, John. **História de Israel.** Trad. de Luiz Alexandre Solano Rossi e Eliane Cavaliere Solano Rossi. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2003. (Nova Coleção Bíblica), revista e ampliada. 640 p.

BROTZMAN, Ellis R.; TULLY, Eric J. **Crítica textual do Antigo Testamento: uma introdução prática.** São Paulo: Vida Nova, 2021.

BRUGGEMANN, Walter; WOLFF, Hans Walter. **O dinamismo das tradições do Antigo Testamento.** São Paulo: Paulinas, 1984.

CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião.** São Paulo: Paulinas, 2001.

CROATTO, José Severino. O mito como interpretação da realidade: considerações sobre a função da linguagem e estrutura mítica do Pentateuco. RIBLA (Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana) 23, Petrópolis: Vozes, 1996.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução.** São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.

DE VAUX, R. **As instituições de Israel no Antigo Testamento.** Trad. de Daniel de Oliveira. São Paulo: Loyola, 2004. 2 vol., 622 p.

DROLET, Gilles. **Compreender o Antigo Testamento: um projeto que se tornou promessa.** Trad. de Tiago José Risi Leme. São Paulo: Paulus, 2008, 527 p. (Coleção Biblioteca de estudos bíblicos).

DILLARD, Raymond B.; LONGMANN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 2006.

DROLET, Gilles. **Compreender o Antigo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2008.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIADE, Mircea. **Mito do eterno retorno: cosmo e história**. São Paulo: Mercuryo, 1992b.

ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. Trad. de Fernando Tomaz e Natália Nunes. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002, 479 p.

FABRIS, Rinaldo (org.). **Problemas e perspectivas das ciências bíblicas**. Trad. de Luiz João Gaio. Revisão de Yvone. São Paulo: Loyola, 1993, 402 p.

FEE, Gordon; STUART, Douglas. **Como ler a Bíblia livro por livro: um guia de estudo panorâmico da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2013.

FOHRER, Georg. **História da religião de Israel**. Trad. de Josué Xavier; revisão de João Bosco de Lavor Medeiros. São Paulo: Paulinas, 1982, 542 p. (Nova coleção bíblica; 15).

FRANZ, Marie-Louise von. **Mitos de criação**. Trad. de Maria Silvia Mourão. São Paulo: Paulus, 2003, 334 p. (Coleção Amor e Psique).

FRYE, Northrop. **O código dos códigos: a Bíblia e a literatura**. São Paulo: Boitempo, 2004.

FRYE, Northrop. **O grande código: a Bíblia e a literatura**. Campinas: Sétimo Selo, 2021.

GOHEEN, Michael W. **O drama das Escrituras**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

GOLIN, Luana Martins. **Religião e linguagem, Bíblia e literatura**. Revista Caminhando. v. 21, n. 2, p. 225-243, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/Caminhando/article/viewFile/7020/5510>. Acesso em: 05 jun. 2020.

GOTTWALD, Norman K. **Introdução sócio-literária à Bíblia hebraica**. Trad. De Anacleto Alvarez; revisão de H. Dalbosco. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1988. 639 p.

GRAY, John. **Biblioteca dos grandes mitos e lendas universais. Próximo Oriente**. Trad. de Ana Maira Almeida Martins. Impresso por Printer Portuguesa, VERBO, 1987, p. 26-35.

HARRINGTON, Wilfrid John. **Chave para a Bíblia: a revelação, a promessa, a realização**. Trad. de Josué Xavier e Alexandre Macintyre. São Paulo: Paulus, 1985, 644 p. (Biblioteca de estudos bíblicos).

HIEBERT, Paul G. **Transformando cosmovisões: uma análise de como as**

peessoas mudam. São Paulo: Vida Nova, 2016.

HILL, Andrew E, Walton, John. **Panorama do Antigo Testamento.** São Paulo: Vida, 2007.

HOUSTON, James. **Descobrir a Bíblia: a Bíblia e o seu ambiente.** In: **O mundo da Bíblia.** Trad. de José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 10-23.

IBÁÑEZ ARANA, Andrés. **Para compreender o livro do Gênesis.** Trad. de Pedro Lima Vasconcellos. São Paulo: Paulinas, 2003, 666 p. (Coleção Bíblia e história).

KLEIN, William W.; HUBBARD JR., Robert L.; BLOMBERG, Craig L. **Introdução à interpretação bíblica.** Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2017.

KLEIN, Ralph W. **Israel no exílio: uma interpretação teológica.** Trad. de Edwino Royer; revisão de H. Dalbosco. São Paulo: Paulinas, 1990. (Coleção temas bíblicos).

KRAUSS, Heinrich; KÜCHLER, Max. **As origens: um estudo de Gênesis de 1-11.** Trad. de Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2007, 248 p. (Coleção cultura bíblica).

LARA PEINADO, Federico. **Enuma Elish: poema babilônico da criação.** 2 ed. Madrid: Editorial Trotta, 2008. Macintyre. São Paulo: Paulus, 1985, 116 p. (Biblioteca de estudos bíblicos).

PULGA, Rosana. **Beabá da Bíblia: uma introdução à visão global.** 8. ed. São Paulo: Paulinas, 2000. 48 p.

PURY, Albert de. (Org.) **O Pentateuco em questão: as origens e a composição dos cinco primeiros livros da Bíblia à luz das pesquisas recentes.** Trad. de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, 324 p.

ROCHA, Everardo. **O que é mito?** São Paulo: Brasiliense, 2001, 97 p. (Coleção Primeiros Passos; 151).

LASOR, William. **Introdução ao Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1999.

LONGMANN III, Tremper. **Enuma Elish.** In: COPAN, Paul; LONGAMANN III, Tremper;

REESE, Christopher L.; STRAUSS, Michael G. **Dicionário de cristianismo e ciência.** Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2018.

LONGMANN III, Tremper; WALTON, John W. **O mundo perdido do dilúvio: teologia, mitologia e o debate entre os dias que abalaram a terra.** Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.

NICKEL JR, Cristiano; SOUZA, Clayton Lima de. **Uma análise filosófica, teológica e antropológica do conceito de cosmovisão.** In: Revista Cógnoito, Curitiba, v. 2:1, pág. 93-118, Nov/2020. Disponível em: <<https://revista.fidelis.edu.br/index.php/cognito/article/view/26>>. Acesso em: 02 jun. 2024.

PIAZZA, Waldomiro O. **Introdução à fenomenologia religiosa**. Petrópolis: Vozes, 1983.

PRATES, Admilson Eustáquio; PIMENTAL, Claudio Santana. **Hermenêutica dos textos sagrados**. Montes Claros: Unimontes, 2015.

REESE, Naomi Noguchi. Mandato cultural. In: COPAN, Paul; LONGAMAN III, Tremper; REESE, Christopher L.; STRAUSS, Michael G. **Dicionário de cristianismo e ciência**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2018.

SILVA, Cácio. **Fenomenologia da religião**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

SILVA, Cássio Murilo Dias. **Metodologia de exegese bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2000.

STORNIOLO, Ivo e BALANCIN, Euclides M. **Como ler o livro do Gênesis: origem da vida e da história**. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2002, 61 p.

SUSIN, Luis Carlos. **A criação de Deus: Deus e criação**. São Paulo: Paulinas, 2003, 170 p. (Coleção Livros básicos de teologia; 5).

THEISSEN, Gerd. **A religião dos primeiros cristãos: uma teoria do cristianismo primitivo**. Trad. de Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2009, 447 p.

WALTKE, Bruce K. **Comentário de Gênesis**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003.

WALTON, John H. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2018.

WALTON, John H. **O pensamento do Antigo Oriente Próximo e o Antigo Testamento: introdução ao mundo conceitual da Bíblia hebraica**. São Paulo: Vida Nova, 2021.

WILLIAMS, Peter S. Mitologia. In: COPAN, Paul; LONGAMAN III, Tremper; REESE, Christopher L.; STRAUSS, Michael G. **Dicionário de cristianismo e ciência**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2018.

WRIGHT, Christopher J. Povo, terra e Deus: a relevância da ética do Antigo Testamento para a sociedade de hoje. São Paulo: ABU, 1992.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares; LEONEL, João. **Bíblia, literatura e linguagem**. São Paulo: Paulus, 2011.